Os tipos de ordens, o que é cada uma e o que representam.

Cada coisa que se faz nos mercados: entrar, sair, proteger-se, assegurar... tudo sem exceção passa por uma ordem. A ordem é a instrução que se envia para que uma operação exista, e mesmo assim muitos, atrever-me-ia a dizer a maioria, operam anos inteiros sem saber realmente o que estão a enviar quando pressionam o botão. Conhecem 2 botões, comprar e vender, e desconhecem que existe toda uma família de ordens distintas, cada uma com a sua função, objetivo, a sua forma de se executar e o seu momento correto de utilização.

Neste documento quero explicar-te os tipos de ordens que existem, as duas grandes famílias, as quatro ordens pendentes com os seus nomes, as variantes que se usam em outros derivados e, já agora, deixar-te clara uma realidade sobre o que as nossas ordens fazem e o que não fazem dentro do mercado, porque aí se esconde uma das maiores confusões deste âmbito.

Começo pela ordem a mercado, que é a mais utilizada de todas. A ordem a mercado é a instrução de executar já, ao preço que estiver disponível neste instante. É a maioria em que operamos; quando a envias não estás a escolher preço, estás a escolher imediatez, dizes ao sistema que te coloque dentro agora e aceitas o preço que houver. Por isso é a ordem daquele que já decidiu e não quer esperar. A sua vantagem é a certeza de execução, quase sempre entra, e a sua outra face é que o preço exato de entrada é colocado pelo mercado e não por ti como tal, embora se for uma entrada estudada e tiver chegado ao preço que esperavas não seja necessário colocar uma limitada, mas sim executar diretamente a mercado. Em condições normais entra praticamente no que vês no ecrã, e em movimentos muito rápidos pode entrar uns pontos mais além porque se toma o que está disponível nesse momento. Esta é a ordem com que operamos a maioria a maior parte do tempo, clique e lá dentro; da minha parte é mais de 90% das minhas ordens a mercado, e apenas em algumas noturnas ou em zonas algo afastadas que tenha de valor enquanto não estou a ver é que deixo uma limitada, já vamos ver o que é.

A segunda família, como disse, é a das ordens limitadas, e aqui a lógica é o oposto. A ordem limitada é a instrução de executar somente a um preço concreto ou a um melhor. Tu escolhes o preço e renuncias à imediatez do mercado; a ordem fica colocada, em espera, e só se executa se o preço chegar até ela; se nunca chegar, nunca se executa. Com a limitada não entras ao preço que o mercado te dá na atualidade, mas esperas por ele onde tu decidiste. Por isso é a ordem que complementa quem tem níveis pensados de antemão e prefere ficar de fora antes que entrar a um preço que não era o esperado na sua operacionalidade ou estratégia. E daqui saem dois dos nomes famosos das ordens: a limitada de compra, o *buy limit*, só pode colocar-se abaixo do preço atual, porque comprar a um preço melhor significa comprar mais barato, ou seja, mais abaixo; e a limitada de venda, o *sell limit*, só pode colocar-se acima do preço atual, porque vender a melhores preços é vender mais caro.

A terceira família é a das ordens *stop*, que funcionam ao contrário das limitadas e por isso se confundem muito. A ordem *stop* é a instrução de executar quando o preço tocar num nível, mas executando na direção do movimento e não contra ele. O *buy stop* coloca-se acima do preço atual e dispara se o preço subir até aí,

comprando na subida. O *sell stop* coloca-se abaixo do preço atual e dispara se o preço descer até aí, vendendo na queda. A mentalidade de quem as usa é outra: o da limitada espera que o preço venha ao seu nível e regresse, o do *stop* espera que o preço supere um nível e continue. Um opera o regresso ou tentativa de mudança de tendência e o outro opera a continuação, a tendência em si; e quando o nível é tocado, a *stop* converte-se numa ordem a mercado e entra ao que houver disponível.

Ficam então as quatro pendentes bem definidas: *buy limit* para comprar mais abaixo, *sell limit* para vender mais acima, *buy stop* para comprar mais acima, e *sell stop* para vender mais abaixo. Quatro nomes que soam complicados e que no fundo respondem a duas perguntas: para onde fica o nível em relação ao preço atual?, e se se espera ricochete ou continuação.

Agora, algo que muitos usam diariamente sem saber que também são ordens: o *stop loss* e o *take profit*. Quando colocas um *stop loss* numa operação de compra, o que estás a deixar colocado é um *sell stop*, uma ordem que vende se o preço cair até ao teu nível de saída; e quando colocas um *take profit* nessa mesma compra, estás a deixar um *sell limit*, uma ordem que vende se o preço subir até ao teu objetivo. Ou seja, toda a posição protegida traz associadas duas ordens pendentes a trabalhar em silêncio: uma *stop* numa perda e uma limitada a aguardar num objetivo. E isto também serve para entender algo muito prático: o *stop loss*, ao disparar, executa-se como ordem a mercado, entra ao disponível, enquanto o *take profit*, por ser limitada, executa-se ao teu preço ou num melhor, raramente num pior. Por isso, em movimentos violentos, a saída por *stop* pode dar-se uns pontos mais além do nível exato que colocaste; não é que algo esteja a funcionar mal, é a natureza de cada tipo de ordem a fazer o seu papel.

Dentro disto deixo os erros clássicos que se cometem com as pendentes. O primeiro é confundir a família: querer comprar num nível acima do preço atual e colocar um *buy limit*; como a limitada exige preço igual ou melhor, o sistema considera que o preço atual já é melhor do que o teu nível e executa-te de imediato, deixando-te dentro onde não querias. Para níveis acima do preço, a compra correta era o *buy stop*.

O segundo erro é o das pendentes esquecidas: ordens que se deixaram colocadas há dias; alguns esquecem-se delas, o preço acaba por chegar ao nível num contexto que já nada tem a ver com a análise original, e a ordem executa-se na mesma, porque a ordem não pensa, não avalia se as condições continuam a ser as de quando a colocaste, apenas cumpre a sua instrução.

E o terceiro erro que noto é o mais recente de todos: as supostas estratégias que circulam no TikTok e nas redes sociais onde ensinam a encher o gráfico de ordens pendentes, limitadas e *stops* espalhadas por todo o lado, vendendo isso como um truque para hackear a plataforma. A ideia que pintam é que, como o preço se move sempre e algumas ordens se vão ativar, basta colocar suficientes para ganhar sozinho. E isso é falso na raiz, porque uma ordem que se ativa não é uma ordem que ganha. Ativar-se significa apenas que o preço chegou ao nível; a partir daí é uma posição comum e corrente exposta ao mercado como qualquer outra. O famoso par de um *buy stop* acima e um *sell stop* abaixo para apanhar o movimento para onde quer que seja destrói-se com qualquer oscilação: o preço sobe, ativa a compra, regressa, ativa a venda, e a pessoa fica com duas posições abertas a perder em direções opostas; e as grelhas de ordens numa mesma direção acabam por carregar em automático uma posição enorme promediada contra um movimento que não parou. Não existe

nenhuma combinação de ordens que altere as probabilidades de nada, não tem nada de quantitativo nem especial, a plataforma executa instruções, não fabrica dinheiro, não há nada para hackear nela. E se um padrão mecânico desses funcionarse de verdade não o estariam a oferecer em vídeos de 30 segundos, estaria a ser explorado pelo capital sério em silêncio. O único que ganha com esses truques é quem faz o vídeo com as visualizações, nunca quem os aplica.

Fora estas, em outros derivados e nos mercados centralizados existem mais variantes que deves pelo menos conhecer. Existe a *stop limit*, que mistura as 2 famílias: ativa-se quando o preço toca num nível como qualquer *stop*, mas em vez de entrar a mercado coloca uma limitada, dando ao operador controlo sobre o preço máximo que aceita em troca do risco de ficar sem execução se o movimento for muito veloz; existe o *trailing stop*, um *stop* que persegue o preço a uma distância fixa enquanto a operação avança a favor e fica quieto quando o preço regressa, protegendo o ganho de forma automática; existem as condições de tempo que se gerem em futuros e bolsas: ordens do dia que morrem ao fechar a jornada, ordens válidas até ao cancelamento que ficam colocadas indefinidamente, e ordens de executar completo ou cancelar que não aceitam execução parcial. E existem também as ordens *iceberg*, utilizadas por participantes de dimensão real, que mostram publicamente apenas uma fração do seu volume verdadeiro e vão repondo essa fração à medida que se consome, precisamente para que o resto del mercado não veja a dimensão completa do que estão a trabalhar.

Para nós, a operacionalidade diária resolve-se com a ordem a mercado e as 4 pendentes, mas conhecer as restantes dá-vos a imagem completa de como se trabalha nos distintos níveis do mercado.

E chego ao ponto que quero que te fique mais claro de todo este documento: o que fazem e o que não fazem as nossas ordens dentro do mercado. A maioria de nós opera derivados, contratos que seguem o preço do ativo mas que não são o ativo, e por isso as nossas ordens, sejam a mercado, limitadas ou *stop*, não movem diretamente o preço, não lhe tocam, não participam na sua formação. Quando executas a tua compra não estás a retirar nada ao ativo real nem a empurrar nada para cima; estás a tomar uma posição sobre um preço que se forma noutro nível, no nível do ativo verdadeiro, e lá o preço move-se sim, mas em termos diferentes.

Agora, para fechar então, as ordens são a ferramenta de trabalho de tudo isto e, como ferramenta operacional, nenhuma por si só é melhor do que outra, nenhuma traz vantagem escondida, nenhuma ganha por si mesma. A ordem é neutra, executa exatamente a decisão que lhe é entregue. Se a decisão vinha bem estudada, a ordem materializa-a; e se vinha mal pensada, também, com a mesma eficiência. Por isso, o clique é a fronteira desta atividade: antes de abrir quase todo é análise, cenário, opinião; a ordem é o ponto exato onde aquilo que pensas se converte no que arriscas.

E, para encerrar este documento, deixo um último dado: estas ordens não foram inventadas por nenhuma plataforma moderna, existem desde antes dos ecrãs. Quando os mercados eram operados a viva voz nos pregões das bolsas já se executavam instruções a mercado, limitadas e *stops*; as plataformas o que fizeram foi digitalizar tudo isso e, por isso, encontram-se iguais em qualquer parte, porque não são funções de um programa, mas sim a forma estabelecida com que se opera nos mercados há mais de 100 anos.

Fica então o documento para ser consultado as vezes que forem necessárias, o tema coberto do princípio ao fim, e até à próxima.